
Corpo, gênero e sexualidade na escola: sob um fio de malabarismo em sala de aula

Santos, Fernanda Figueredo dos¹; Souza, Marcos Lopes de²

Categoria 1. Reflexões e experiências de inova o na sala de aula.

Resumo

Este trabalho apresenta e analisa uma proposta de abordagem das questões de corpo, gênero e sexualidade vislumbrada em romper com o enfoque biologizante e higienista, questionando o olhar regulatório, padronizador e heteronormativo na escola. A interven o foi desenvolvida nas aulas de Ciências de uma turma do 8  e 9  ano do ensino fundamental da Educa o de Jovens e Adultos (EJA) de uma escola pública de Jequi -BA/Brasil. Pautando-se em uma perspectiva desestabilizadora, dialógica e problematizadora, a proposta revelou desafios “malabaristas”, pois a sexualidade, a identifica o de gênero e o fazer docente da pesquisadora foram colocados “sob suspeita”. Ao mesmo tempo, a proposta provocou novas reflexões ao trazer as múltiplas possibilidades de compreensão e vivência dos corpos, dos g neros e dos desejos e prazeres envolvendo as sexualidades.

Palavras-chave

Educa o sexual, prática educativa e ensino de Ciências.

Introdu o

Com base no pressuposto de que as questões sobre corpo, gênero e sexualidades se definem em um âmbito biológico, social, cultural e político,   relevante que os espaços educativos formais abordem estas discussões questionando o olhar regulatório e heteronormativo dos corpos.

Pesquisas indicam que a temática  , prioritariamente, tratada na disciplina de Ciências, enfocando conhecimentos como modelos idealizados dos corpos,

¹ Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia. figueredo.fernanda.santos@gmail.com.

² Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia. marcoslsouza@ig.com.br.

métodos contraceptivos e doenças sexualmente transmissíveis. Geralmente, a preocupa o maior   controlar a gravidez e evitar o contágio de doenças (Silva & Megid Neto, 2006).

Nessa perspectiva, trabalhos como os de Silva & Guerra (2013); Altmann (2009); Furlani (2007); Silva, Siqueira & Rocha (2009) vem sinalizando que professores têm dificuldades no tratamento dessas questões. Em sala de aula, muitos docentes tendem a uma abordagem normatizadora e essencialista que pode reforçar estereótipos e preconceitos.

Nesse sentido, Britzman (2000) também discute que em rela o   sexualidade, a cultura da escola   envolvida por respostas esperadas e desvinculadas das práticas sexuais. Isso ressalta a transmissão de informa es já conhecidas pelos estudantes, muitas delas de caráter descritivo dos sistemas genitais, impedindo a possibilidade de surgimento de novas questões.

Os resultados da pesquisa de Souza & Dinis (2010) coadunam com essas ideias ao abordarem que licenciandos em Ciências Biológicas também apresentam pouca disposi o para falar abertamente sobre sexualidade na escola, ressaltando a heterossexualidade como a condi o sexual natural e tratando estas questões como fixas.

Sobre isso, Foucault (1988) aborda que estamos sujeitos a manobras, táticas, técnicas e funcionamentos em que poderes repressivos fabricam corpos e induzem comportamentos. Sendo assim, também os discursos presentes nas aulas de Ciências foram produzidos para demarca o e naturaliza o de determinados valores, desconsiderando outros.

Ainda nesta discussão, Louro (2001) ressalta que a naturaliza o do binarismo masculino-feminino e da heterossexualidade contribui para perpetua o dos estereótipos. Além disso, geralmente, associamos o sexo ao gênero como uma única coisa numa ordem biológica incontestável (Butler, 2012). Assim, outras formas de pensar e viver os g neros e as sexualidades são vistas como anormais, antinaturais e alvos de diversos preconceitos e discrimina es.

Diante dessa problemática, este trabalho analisa uma proposta pedagógica sobre corpo, gênero e sexualidade desenvolvida no ensino de Ciências em uma turma de Educa o de Jovens e Adultos (EJA) de uma escola pública municipal de Jequi -BA/Brasil. Vale ressaltar que essa proposta baseou-se em referenciais

pós-críticos e em uma metodologia dialógica e problematizadora visando discutir a temática em questão para além do discurso biológico.

Desenvolvimento

A proposta foi desenvolvida em aulas de Ciências com discentes do 2º segmento - 8º e 9º ano da EJA e teve a duração de uma unidade escolar, perfazendo um total de 35 h/aula. Inicialmente, houve uma explanação sobre a pesquisa, sendo solicitada a assinatura de um Termo de Consentimento/Assentimento Livre e Esclarecido. Vale destacar que antes de adentrar a sala de aula o projeto foi avaliado e aprovado pelo Comitê de Ética e Pesquisa da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB).

Dentre os temas discutidos durante a proposta, falamos sobre **padrões corporais** por meio da exposição e escolha de diferentes imagens de corpos; discutimos **a produção dos corpos** mediante a leitura e discussão de reportagens sobre uso de anabolizantes, silicones e cirurgias de lipoaspiração. Também abordamos sobre **indivíduos intersex** utilizando-se da exibição e interpretação do filme XXY e sobre a **biologia dos corpos** com representações esquemáticas da anatomia e fisiologia interna e externa do corpo de homem, mulher e intersex.

Ao falarmos sobre **sexo e prazer** elaborou-se uma “escala do prazer” discutindo sobre as padronizações das regiões erógenas do corpo; nesse viés discutimos também **masturbação e desejo sexual**. Para o trabalho com as **demarcações de gênero**, exibiu-se e debateu-se o vídeo Minha Vida de João, com a discussão de situações-problema. Conversamos também sobre **diversidade de gênero e sexual** (gays, lésbicas, heterossexual, travesti, bissexual, transexual) por meio de situações-problema e ao se focar o “**universo trans**” problematizou-se este tema com a exibição de uma entrevista com transexuais.

Tratamos também sobre **riscos e vulnerabilidades** por meio da montagem de cartaz coletivo com a turma sobre as múltiplas práticas sexuais e o contágio de doenças sexualmente transmissíveis. Ressalta-se que esta discussão surgiu por interesse dos discentes e não pela equipe organizadora. O debate sobre **homofobia** se deu por intermédio da apresentação de reportagens com exibição de situações/crimes homofóbicos e também da ida ao Centro de Cultura da cidade para assistir uma peça teatral “The Celio Cruz Show” que discute a homofobia na mídia e na família.

A intervenção encerrou-se com uma visita ao campus da universidade e da realização de uma dinâmica sobre **relacionamentos afetivos-sexuais** na contemporaneidade.

Ao longo das ações constatou-se que apesar de demonstrarem normatizações e conhecimentos superficiais e/ou estereotipados em relação aos temas trabalhados, os discentes aceitaram, aos poucos, participar das discussões e responder aos questionamentos. De forma dialógica, foram expondo seus pontos de vista, suas aflições e também seus preconceitos.

Por exemplo, sobre intersexualidade, muitos discentes vincularam as pessoas intersex como seres anômalos, indecisos, perturbados, doentes e propícios às correções médico-cirúrgicas. Ressaltam-se essas passagens:

Se meu filho nascer assim, eu peço até pelo amor de Deus para o médico arrancar o pinto" (aluno a).

A partir de agora, toda vez que, toda vez que eu for transar, vou passar a mão para ver se tem uma vagina ou um pênis ou então, os dois, porque meu negócio é um só, eu sou homem" (aluno b).

Silva, Nunes & Bento (2011) discutem essas questões ao abordarem que indivíduos intersex transitam nas expressões de legitimidade humana, e por isso são encarados como anomalias e/ou aberrações. Esses indivíduos revelam corpos vigiados, controlados e punidos por não se enquadrarem no modelo de masculino ou de feminino. Desta forma, as visões dos discentes se tornam exemplos claros de como poderes repressivos tentam enquadrá-los em lugares fixos e pré-estabelecidos (Foucault, 1988).

Na aula sobre biologia dos corpos, sexo, prazer e pontos eróticos, muitos alunos se sentiram incomodados com a abordagem sobre o prazer pelo sexo anal e pela relação homossexual ou bissexual demonstrando um pensamento associado à manutenção do eixo sexo-gênero, ressaltado por Butler (2012), reforçando também questões religiosas:

Não é certo sentir prazer pelos "infernos" (aluno c).

Vem da Bíblia, homem tem que gostar de mulher e mulher tem que gostar de homem (aluno d)

Deus fez o gato e a gata, fez o boi e fez uma vaca, Deus fez um homem e uma mulher (aluno a)

Pode sentir prazer por lá por trás, mas não é homem de jeito nenhum (aluno e).

Em meio a essas discussões, alguns discentes começaram a questionar a sexualidade da pesquisadora. Um aluno me perguntou se eu era lésbica, porque estava falando de prazer do homem da mulher tão abertamente. O fato de ser uma professora e não um professor foi também abordado por eles como motivo para sua participação nas aulas.

Professora, a senhora gosta de homem ou de mulher? (aluno a).

Professora, a senhora é louca, né? Queria que fosse homem, aí eu queria ver se a senhora estava falando essas coisas (aluno c).

Se a senhora fosse homossexual eu não assistia suas aulas (aluno b).

Senti-me literalmente “sob fios de malabarismo” em sala de aula, tendo a minha própria sexualidade questionada por discutir questões da biologia dos corpos, por debater o prazer sem ter em mente padrões sociais e culturais de reforço da heterossexualidade, como comumente é feito por muitos professores. Além disso, precisava ressaltar, muitas vezes, que não estava obrigando-os a mudar seus desejos ou práticas sexuais, mas discutindo as múltiplas possibilidades dos corpos, dos gêneros e das sexualidades das pessoas e que todas, sem distinção, precisam ser reconhecidas nas suas singularidades, independente de nossa aceitação ou não. Isso foi gerando pouco a pouco mais reflexão e liberdade de expressão pelos discentes.

Com isso, tive meu próprio fazer docente colocado em xeque, era como se o fato de ter uma “identidade sexual” ou outra, ou o de me enquadrar em um gênero ou outro me tornasse mais ou menos capaz de abordar essas questões; autorizasse-me ou não a falar sobre isso. Talvez esses sejam alguns dos motivos pelos quais, os professores têm dificuldade em trabalhar a temática em sala de aula: lidar com sua própria sexualidade perante os discentes.

Sobre este aspecto, Hooks (2000) discute que no mundo público da aprendizagem institucional, o corpo tem de ser anulado e/ou passar despercebido. “Chamar atenção para o corpo é trair o legado de repressão e de negação que nos tem sido passado por nossos antecessores na profissão

docente (Hooks, 2000, pág. 113)". Isso pode explicar porque a proposta gerou "suspeitas" por parte dos discentes. Diante disso, questionei-me como ficaria a situação de um professor que é gay, lésbica ou transexual? Como seria encarado pelos discentes?

No decorrer das discussões sobre diversidade sexual, transexualidade e homofobia, me chamou a atenção também o fato de alguns discentes começarem a reclamar que eu estava falando demais de "viado" ou de "gay". Alguns falaram assim:

Professora, quieta com esse papo. Esse assunto de gay tá mal (aluno f).

Ah, professora, de novo com essa conversa de viado, a senhora já falou tanto disso... (saiu da sala) (aluno a)

Professora, por que a senhora só fica falando de viado, não tem outros assuntos não? (aluno h).

Quero saber até onde a senhora quer chegar com essas coisas (aluno a).

Pode ser algo esperado o fato de alguns alunos rejeitarem a discussão sobre homossexuais, entretanto percebi por meio desse incômodo que a proposta estava de fato sendo desestabilizadora, provocando-os, tirando-os de um possível lugar tranquilo, fazendo-os pensar.

Apesar de estar sob a corda bamba em sala de aula, percebi o quanto a perspectiva autônoma, aberta e dialógica foi importante para a discussão da temática, sendo de extrema relevância que professores de Ciências tenham leituras e reflexões sobre as categorias de gênero e diversidade sexual na formação inicial e continuada para favorecer intervenções mais efetivas em sala de aula. Com isso não defendo que a discussão seja uma imposição, o que pode gerar o reforço de novas normas e impor o trabalho com a temática. Acredito que as pessoas precisam ter liberdade e autonomia para se abrir ou não a discussão, para perceber o eu no outro e também para lidar com as sexualidades.

Mesmo tendo minha sexualidade questionada e trabalhar sob "suspeita", a proposta permitiu amplas aprendizagens em sala de aula, questionou normas e padrões, colocou discentes diante de situações problemáticas e desafiadoras, o

que possibilitou um (re) pensar sobre as diferentes situa es vivenciadas no dia-a-dia.

Referências Bibliográficas

- Altmann, H. (2009). Educa o sexual em uma escola: da reprodu o   preven o. *Cadernos de Pesquisa*, 39 (136), 175-200.
- Britzman, D. (2000). Curiosidade, sexualidade e currículo. In: G. L. Louro (org.), *O corpo educado: pedagogias da sexualidade* (2 ed) (61-82). Belo Horizonte: Autêntica.
- Butler, J. (2012). *Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade*. (4 ed). Rio de Janeiro: Civiliza o Brasileira.
- Foucault, M. (1998). *História da sexualidade 1: a vontade de saber*. (13 ed). Rio de Janeiro: Edi es Graal.
- Furlani, J. (2007). Sexos, sexualidades e g neros: monstruosidades no currículo da Educa o Sexual. *Educa o em Revista*, (46), 269-285.
- Hooks, B. (2000). Eros, erotismo e o processo pedagógico. In: G. L. Louro (org.), *O corpo educado: pedagogias da sexualidade* (2 ed) (82-88). Belo Horizonte: Autêntica.
- Louro, G. L. (2001). Dossiê G nero e Educa o. *Estudos Feministas*, 9 (2), 541-553.
- Magalhães, C., & Cruz, I. (2006). *Sexualidade e Adolescência: prazer em viver*. Rio de Janeiro: Booklink.
- Silva, D. Q., & Guerra, O. U. (2013). Educación sexual: est dio comparativo entre escuelas en Brasil y en Cuba. *Cadernos de Pesquisa*, 43 (148), 280-301.
- Silva, I. O., Siqueira, V. H. F., & Rocha, G. W. F. (2009). Educa o sexual e gravidez de adolescentes: significados construídos por docentes do curso de forma o de professores em uma escola pública do Rio de Janeiro, Brasil. *Revista Electrónica de Ense anza de las Ciências*, 8 (1), 216-231. Disponível em: <http://www.webs.uvigo.es/reec>
- Silva, M. G., Nunes, K. A., & Bento, B. (2011). Corpos marcados: a intersexualidade como (des) encaixes de gênero. *Cronos: Revista de Pós-Grad. Ci. Soc.*, 12 (2), 128-142.



Silva, R. C. P., & Megid Neto, J. (2006). Formação de professores e educadores para a abordagem da educação sexual na escola: o que mostram as pesquisas. *Ciência & Educação*, 12 (2), 185-197.

Souza, C. L., & DINIS, N. F. (2010). Discursos sobre homossexualidade e gênero na formação docente em biologia. *Pro-Posições*, 21 (3), 119-134.